

Uma Filosofia Para Esta Política

Raul Pilla

DE pessoa que assina N. Pránada, nome, ou pseudônimo, de aparência hindu, recebi interessante carta.

Começa o missivista dizendo que acompanha atentamente a minha trajetória política e aprecia a minha «linha de impecável coerência e a firmeza» com que defendo as minhas idéias. Isto, porém, para se apiedar de mim. «Em minha opinião — diz êle — V. Excia., em sua sistemática condenação de nosso regime político e nas acerbas críticas à conduta dos nossos homens públicos, demonstra uma diretriz filosófica inteiramente divorciada das novas concepções científicas. De fato, condenando os homens por suas ações e omissões, V. Excia. admite implicitamente procedam êles ao sabor de seu livre arbítrio, o que está em franca contradição com os princípios que a ciência contemporânea vem sustentando. Efectivamente, não há livre arbítrio».

«Um homem mau, um político prevaricador tem tanta culpa de o ser, quanto outro é responsável por ser feio, doente, inteligente ou cretino, diligente ou ocioso, hábil ou inábil na execução de suas tarefas. Não merecem elogio os bons, como castigos não devem ser infligidos aos maus».

Até aqui, nada há de novo nesta filosofia, e menos ainda para mim, pois o meu entendimento alvorecia ainda em pleno fastígio da escola materialista, com Haeckel, Vogt, Büchner, Molescholt e outros. Mas o meu missivista enxerta nesta concepção segundo a qual tudo depende do encontro fortuito de átomos e moléculas e das forças que transportam, a lei dos ciclos, segundo a qual tudo se produz e se repete necessariamente em largos períodos, como a melhor acentuar que tão inúteis são os meus esforços hoje, como o foram em épocas passadas e o serão em épocas futuras.

Não sei como se poderão conciliar conceitos tão contraditórios, mas não desejo, nem posso debater a matéria. Meu objetivo é apenas proclamar que o sr. N. Pránada oferece à triste política brasileira, caracterizada pela amoralidade e pela irresponsabilidade, a filosofia que não tinha. Quem por ela não se sentirá justificado, se nenhum político prevaricador não tem culpa de o ser?